

lto e, 14.10.1987

SFBH
Hp 97 - cx 20

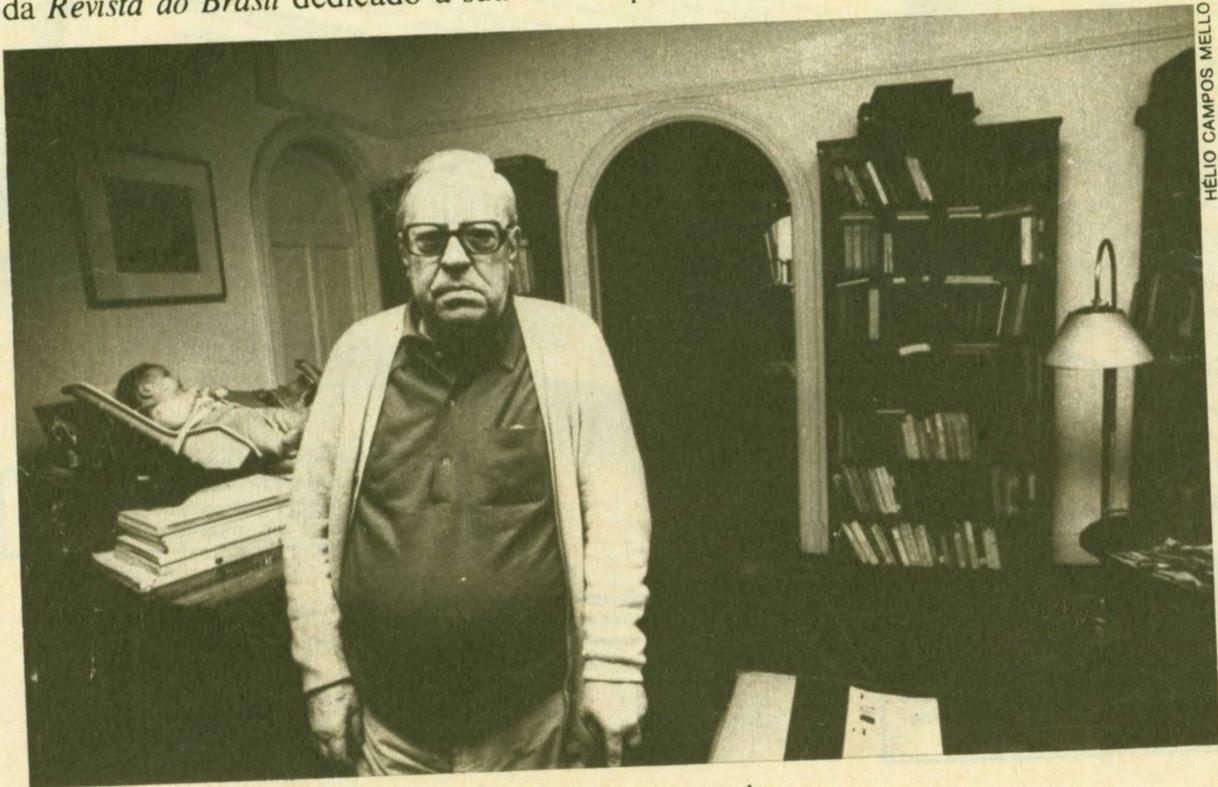
Imaginação e rigor

■ SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA – *Número especial da Revista do Brasil, organizado por Francisco de Assis Barbosa. Rioarte, 147 páginas, Cz\$ 100,00*

O historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) era feito de uma rara química: aliava ao mais alto rigor intelectual primorosa imaginação criadora. A combinação de tantas e tão sutis especiarias que compunham sua personalidade nos é devolvida inteira – como um presente – neste número especial da *Revista do Brasil* dedicado à sua me-

mais este rótulo do que o próprio Sérgio. Sua obra – e a singular figura de homem que dela emerge – revela, além de um toque fino de humor e uma sensibilidade maior no trato de anônimas personagens, uma erudição e um gosto pela palavra que o fizeram escrever as páginas mais saborosas da historiografia brasileira.

A homenagem que agora lhe é prestada cobre toda a sua obra, através de artigos e resenhas críticas – alguns deles artigos, escritos por intelectuais já desaparecidos, como Sérgio Milliet, Rodrigo M.F. de Andrade, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre; outros, mais recentes, trazem as assinaturas de Fernando Henrique Cardoso, Alexandre Eulálio e Maria Odila Silva Dias. A presença de todos estes nomes atesta o quanto Sérgio Buarque de Holanda, pai do compositor Chico Buarque, dialogou com pessoas que, como ele, ajudaram a pensar o Bra-



HELIO CAMPOS MELLO

Sérgio: reverências à memória de um mestre

mória. Fundada por Monteiro Lobato e um grupo de redatores do jornal *O Estado de S. Paulo*, a revista, publicada intermitentemente desde 1914, é hoje editada pela Rioarte/Fundação Rio, sob o comando do escritor e jornalista Gerardo de Mello Mourão, que anuncia a disposição de prosseguir-la com edições monográficas de interesse da cultura brasileira. O próximo número, já se sabe, será consagrado à vida e obra de Heitor Villa-Lobos.

Sérgio Buarque de Holanda, autor do clássico *Raízes do Brasil* (1936), uma das obras básicas da sociologia brasileira, gostava de citar seu mestre francês Lucien Fèbvre (1878-1956), criador de uma tendência inovadora dentro dos estudos históricos contemporâneos, a história das mentalidades. “O historiador perfeito”, disse Fèbvre, “deve ser um grande escritor”. Ninguém mereceu

sil e seu tempo. Entre outras preciosidades, a revista contém um pequeno texto de ficção (algo raro na obra do historiador), *Viagem a Nápoles*, autobiográfico e de inspiração surrealista.

Não faltam, ainda, depoimentos comovidos de amigos – como Antonio Candido, a revelar com graça detalhes da insólita correspondência que os dois trocavam, fosse em português seiscientista, em inglês do século XVII ou em latim. Antonio Candido refere-se ao amigo como “um homem genial, irreverente, profundamente inventivo, que cultivava a alegria e tinha horror da circunspeção e da tristeza”. Por tudo isso vale a pena visitar o velho mestre nas páginas desta edição especial, com direito ao prazer suplementar de percorrer a bela documentação iconográfica, folheando-a como quem olha um antigo álbum de fotografias.

Mariza Werneck ▲

Isto é
14.10.87